

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Maria Machado Coelho Pires de Camargo

**LAVRAS NOVAS: CONTANDO A HISTÓRIA DAS “DONINHAS” QUE O TEMPO
NÃO PODE ESQUECER**

Ouro Preto
2019

MARIA MACHADO COELHO PIRES DE CAMARGO

**LAVRAS NOVAS: CONTANDO A HISTÓRIA DAS “DONINHAS” QUE O TEMPO
NÃO PODE ESQUECER.**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Museologia, sob a orientação da professora Gabriela de Lima Gomes.

Ouro Preto
2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

MARIA MACHADO COELHO PIRES DE CAMARGO

Lavras Novas:

contando a história das "doninhas" que o tempo não pode esquecer

Membros da banca

Gabriela de Lima Gomes - Doutora - UFOP
Yára Mattos - Doutora - UFOP
Célio Macedo Alves - Doutor - UFOP

Versão final

Aprovado em 11 de julho de 2019

De acordo

Gabriela de Lima Gomes
Professora Orientadora



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela de Lima Gomes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/11/2020, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0098603** e o código CRC **8C2FE6AA**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008319/2020-22

SEI nº 0098603

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Ao meu irmão Rodrigo Machado Coelho, pois sem ele eu não estaria aqui. O verdadeiro Colosso de Rhodes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por nunca ter me desamparado e sempre ter me dado força e saúde para enfrentar todas as dificuldades. Agradeço também a Universidade Federal de Ouro Preto e ao curso de Museologia por proporcionarem os melhores anos da minha vida. Agradeço a minha orientadora Gabriela de Lima Gomes por todo apoio, paciência e empenho comigo desde a elaboração do anteprojeto até o produto final que é esta monografia. Agradeço ao meus pais, meu padrasto e ao meu irmão pois sem eles eu não estaria aqui. Com carinho especial para a minha mãe Silvana Machado Coelho que foi a inspiração para que este tema. Agradeço a comunidade de Lavras Novas por todo o apoio e dedicação para a elaboração deste trabalho, principalmente as “doninhas”, pois sem elas não teríamos feito nada.

Agradeço aos meus amigos, companheiros de trabalho que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza. Em especial agradeço ao Gabriel Galdino, o “King” e ao Mateus de Assis Souza, pelo apoio moral nas horas de dificuldade e por toda a ajuda que me proporcionaram. E finalmente agradeço ao meu sobrinho Victor Machado Coelho, a minha afilhada Maria Elizabeth Carlota e sua mãe Aparecida Carlota a “Cidinha” por terem me apresentado para o curso de Museologia que eu nem sabia que existia na época que eu pensei em fazer uma segunda faculdade. Meu muito obrigada a todos aqueles de que algumas formas participaram desta trajetória e da elaboração deste projeto.

RESUMO

O presente trabalho procura entender o caráter das culturas populares enquanto patrimônio imaterial, através do resgate da memória, e da legitimação das tradições das artesãs do distrito de Lavras Novas – MG, tendo as aulas de bordado do ‘Projeto Doninhas de Lavras Novas’ como pano de fundo. Através de um estudo de caso por entrevistas semi-estruturadas com as mesmas, que por dados processos históricos foram apelidadas “doninhas”, busca analisar o efeito que o surgimento da ideia de polo turístico na década de 1980, e sua conseqüente exposição à mídia teve sobre a comunidade, considerando a atuação de tecnologias como luz elétrica e recursos de entretenimento, e enfatizando o quanto a fluidez dos processos político-sociais da vivência local refutam o constante trabalho das mesmas na manutenção desta cultura.

Palavras-chave: doninhas; patrimonio imaterial;Lavras Novas;memória;tradição.

ABSTRACT

The present work seeks to understand the character of the subaltern popular cultures as an immaterial heritage, through the rescue of memory, and the legitimation of the traditions of the artisans of the district of Lavras Novas - MG, having the embroidery classes of the 'Doninhas de Lavras Novas' project as background. Through a case study by semi-structured interviews with the same ones, that by data historical processes were dubbed "ferrets", it seeks to analyze the effect that the emergence of the idea of tourist pole in the decade of 1980, and its consequent exposure to the media had about the community, considering the use of technologies such as electric light and entertainment resources, and emphasizing how much the fluidity of the political-social processes of the local experience refutes their constant work in the maintenance of this culture.

Keywords: doninhas; intangible heritage, Lavras Novas, memory, tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Igreja de Lavras Novas	19
Figura 2 – Exemplo de trabalho feito pelas “doninhas”	20
Figura 3 - “ Doninhas” segurando um tapete feito por elas.....	21
Figura 4 – Silvana Machado Coelho professora das “doninhas”	23
Figura 5 – Dona Lídia com o prefeito atual Júlio Pimenta	23
Figura 6 - Exemplo de cumplicidade entre as “doninhas”	27

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CEMIG Companhia Elétrica de Minas Gerais

INDL Inventário Nacional da Diversidade Linguística

INRC Inventário Nacional de Referências Culturais

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

OMS Organização Mundial de Saúde

PNPI Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Resumo.....	09
Introdução.....	10
Capítulo I: Lavras Novas aldeia, Lavra Novas candeia, uma história de mais de três séculos	
1.1 - A vida em Lavras Novas: dos primórdios sociais ao legado cultural	12
1.2 - Lendas e “causos” de uma Lavras Novas de outrora	13
1.3 - Festas tradicionais de um povoado tipicamente mineiro	15
Capítulo II: Escrevendo a história por aqueles que não sabem escrever.	
2.1 – Quem são as doninhas?.....	17
2.2 – A Legislação do Patrimônio Imaterial	20
2.3 – A documentação fotográfica como metodologia de trabalho	21
2.4 – Tradição.....	23
2.5 - Memória como linguagem documental.....	24
2.6 – Bordado	25
2.7 – Terceira Idade.....	26
Capítulo III: Liberdade ainda que tardia	
3.1 - O sagrado e o profano como raiz da festa brasileira	27
3.2 - A fé inabalável da comunidade e as festas religiosas	29
3.3 – O casamento como pretexto para uma vida melhor	31
3.4- Lavras Novas como um “não lugar”	32

Considerações finais.....	35
Referências bibliográficas37
Apêndices	39

INTRODUÇÃO

Lavras Novas, distrito de Ouro Preto, Minas Gerais, localizada na região da zona da Mata, vem sofrendo um processo de incentivo ao desenvolvimento do turismo regional desde o início dos anos 90. Isso se dá depois da chegada das modernidades que antes não existiam na comunidade, como a luz elétrica vinda da CEMIG e não a monofásica vinda da ALCAN, companhia multinacional de produção de alumínio. Com isso, o distrito passa a descobrir a sua potencialidade socioeconômica e cultural como produtos a serem comercializados. Antes, o lugar permanecia meio adormecido, repetindo antigas tradições transmitidas de geração a geração através de memória oral já que a maioria dos idosos da comunidade é analfabeta. As matriarcas também chamadas de “doninhas”, foram personagens dos tempos antigos e hoje são testemunhas tímidas da “invasão” de forasteiros.

O presente trabalho pretende resgatar a história das “doninhas” perante a revalorização da memória oral da comunidade, relatar a vivência destes tempos através do olhar dessas doninhas já que os mais jovens não demonstram mais interesse pelo que elas têm para contar. Através de entrevistas por meio de um estudo de caso, é possível traçar um panorama acerca do que foi a comunidade Lavrasnovenense ante a chegada do turismo, assim como garantir proteção a memórias atualmente não tão praticadas. Nesse caminho, a relação entre memória e história se mostra relevante, pois coloca em discussão a formação social da experiência subjetiva e nos ajuda a compreender como a relação indivíduo-sociedade se manifesta no processo de constituição das lembranças.

Elas se reúnem para aulas de bordado às terças feiras no salão paroquial. Lá, além de bordar, elas rezam, cantam, relembram outros tempos, se encontram com as amigas. Aos poucos relembram os ‘causos’ de quando eram jovens e trabalhavam na lavoura, das dificuldades e alegrias enquanto protagonistas de um tempo que não pode ser esquecido. De acordo com Chartier, são nos modos de usar, como práticas sociais, que se deve encontrar o “popular” (CHARTIER, 1995 p.185). Através do ‘saber fazer’ das ‘doninhas’, é possível traçar um paralelo entre a atual Lavras Novas e o reconhecimento e/ou a legitimação de tais culturas.

O capítulo 1 abordará a contextualização do distrito de Lavras Novas desde seu descobrimento até os dias atuais. Como o turismo influenciou o distrito, a chegada da luz elétrica e as influências socioculturais e econômicas que as modernidades tais quais os meios

de comunicação transformaram o distrito. Abordaremos também as festas locais, a religiosidade, os “causos” e o que faz Lavras Novas ser única e cativar tanta gente. No capítulo 2, abordaremos as “doninhas”, quem são elas, o que é o projeto que vem sendo realizado com elas, como ele funciona, suas conquistas e o que ele tem contribuído para a vida delas. E o que elas têm contribuído para a vida das voluntárias. Também entraremos com explicações aprofundadas de conceitos chave como memória, fotografia, tradição, bordado, linguagem oral e etc. Teremos fotos para um panorama de melhor entendimento e discussões sobre os impactos causados pela globalização e mercantilização das cidades.

O terceiro capítulo abordará o resultado que se conseguiu com o estudo de caso em forma de entrevista semi estruturada e formato de “minidoc” com as “doninhas” e uma discussão pertinente sobre a transformação de Lavras Novas como um “não lugar” conceito defendido por Marc Augé (1994).

Capítulo 1: Lavras Novas aldeia, Lavras Novas candeia: Uma história de mais de três séculos

1.1 A vida em Lavras Novas: dos primórdios sociais ao legado cultural

Lavras Novas, distrito de Ouro Preto, está situado à 19 km da Sede e 120km da capital, Belo Horizonte, na porção sul do quadrilátero ferrífero e com pouco mais de 1500 habitantes. Tendo seus primeiros indícios de ocupação por volta de 1717, conforme o documento mais antigo encontrado (batistério de Maria dos Prazeres, filha de tradicional família paulista da época) é datado desta época e sua comunidade é em sua maioria negra. Acredita-se que o distrito fora um quilombo e sua miscigenação se deu através de negros quilombolas e famílias provenientes do ambiente minerador. De acordo com Carlos Aurélio de Carvalho, artesão de balaios de taquara da comunidade através de uma entrevista:

“Reza a lenda que o distrito nos primórdios era um quilombo e que serviu de moradia para muitos escravos fugidos. O nome da cidade se dá por que as ‘lavras’ de ouro do até então vilarejo nunca tinham sido exploradas, ou seja, eram novas, então todo tropeiro e minerador que voltava do vilarejo para a sede chamava o lugar de ‘o local das lavras novas’”.

Formado no início do século XVIII, o povoado de Lavras Novas tem suas origens atreladas à exploração do ouro nas Minas Gerais. O esgotamento das jazidas minerais na região estagnou o desenvolvimento econômico de sua população, principalmente oriunda da miscigenação de portugueses e escravos: “com a diminuição crescente do contingente indígena na exploração do ouro e também o crescimento abrupto da região das minas, se tornou possível financiar o tráfico negreiro também para esta região (como já acontecia no litoral do país)” (CHAVES, p.24). Os grupos de maior influência no espaço foram os Bantos e os Sudaneses, dentre nagôs (iorubás), jêjes, mina e haussás, na formação de um contexto que até meados do século XX permaneceu com um modo de vida semelhante ao dos seus antepassados faiscadores. A superação do quadro de isolamento geográfico de Lavras Novas se deve a múltiplos fatores relacionados a contextos globais e regionais, que passaram a apresentar uma crescente importância. A chegada da luz elétrica na década de 1970 traz a influência dos meios de comunicação e o aumento da circulação do turista. A partir da década de 1980, algumas pessoas começaram a frequentar o local na busca pelas ‘peculiaridades decorrentes do isolamento’ (beleza cênica, tranquilidade, receptividade e tradições). Já nos anos 90, contribuíram para um

aumento na difusão de informação, projetando regionalmente o local e elevando-o a categoria de distrito, em meados dos anos 2000. Vale lembrar, que diante de tais circunstâncias, a memória local se viu ‘refém’ do cenário político coexistente ‘além povoado’.

Pode-se notar, enquanto fator determinante, a mercantilização do espaço nos últimos anos em virtude do avanço tecnológico:

“Profundas transformações nas relações espaço-temporais, o que implica em um novo modo de pensar a realidade e como o homem vive essas transformações num cenário sempre cambiante. O domínio do espaço, da mídia e a era do marketing, do infimamente pequeno, produziu uma nova mentalidade, outro modo de vida [...] produziu um denso fluxo econômico reordenando e hierarquizando o espaço mundial [...] o espaço torna-se (também) mercadoria, entrando na esfera da comercialização” (ALESSANDRI, 2002 p.67.)

Dalva dos Reis Carvalho esposa de Carlos Aurélio citado acima, conta que:

“Quem não trabalhava nas companhias mineradoras e hidrelétricas, trabalhava nas lavouras de chá ou nas plantações de eucaliptos, num sistema de escravidão que perpetuou mesmo depois da abolição e libertação no século passado. Devida a baixa remuneração da mão de obra local havia muita pouca circulação de dinheiro e praticamente nada para comprar e estabelecer um consumo. Nessa época o deslocamento até a sede, Ouro Preto, era por estrada de terra a pé ou em lombo de burro. A água era buscada nas bicas assim como a roupa era lavada nas mesmas. As casas eram aquecidas e são até hoje por conta do fogão a lenha e das serpentinas”

Cabia às mulheres buscar as lenhas e assim ter seu momento de liberdade dos afazeres domésticos e colocar o papo em dia com as outras mulheres, assim como pensar em respostas para os problemas diários da vida. Essas mulheres tinham o hábito de ter em suas casas o cultivo de pequenas hortas e criação de galinhas. Faziam suas próprias roupas e grande parte não tinha acesso a sapatos, haja visto o contexto sócio econômico da época. As casas eram construídas em mutirão pela comunidade, sendo de pau a pique e taipa que é um processo de feitiço de tijolos onde misturam-se barro, palha e gravetos de madeira, e coloca-se numa forma para secar ao sol. Cabe observar que a solidariedade e a extrema religiosidade católica da região sustentou e ainda sustenta esta comunidade. As famílias da região se entrelaçaram por diferentes graus de parentesco (consanguíneos), tornando sua população uma ‘grande família’.

Partindo do pressuposto estrutural do que hoje se define enquanto ‘Estrada Real’, a região era muito visitada por autoridades por ser parte do caminho utilizado para chegar à Ouro Branco. A igreja fora ‘financiada’ pelos mineradores, e os escravos apanhavam pedras na entrada do distrito para a obra. Afirma-se que os grandes blocos de pedra solta, ao longo do caminho de entrada do local são obra de escravos, não da natureza. De qualquer maneira, foi no século XVIII que o povoado se desenvolveu, já que por volta de 1740 a Capela dedicada à Nossa Senhora dos Prazeres padroeira do distrito já havia sido construída e a Irmandade estava em pleno funcionamento. O povoado também devia comportar número razoável de pessoas devido ao tamanho, e imponência da igreja. A mineração sobreviveu até meados de 1780, sendo ‘retraída’ pelos processos decorrentes do declínio do ciclo do ouro. Logo após, os mineradores, enriquecidos ou não, foram deixando pouco a pouco a região por ser um local de difícil acesso, sendo necessário atravessar montanhas íngremes para se chegar ao local. A comunicação com Vila Rica era muito difícil. Para conseguir dinheiro, produziam cestas, balaios, enfeites, trabalhados em taquara. Normalmente, era serviço das mulheres recolhê-las nas matas da região, preferencialmente entre os meses de maio a agosto quando o bambu está livre de caruncho. Há quatro tipos de taquara que são utilizados com finalidades diferentes. Eram os homens que levavam todos os produtos para serem vendidos em Ouro Preto e, com o lucro, compravam pano, sal, açúcar e outros objetos que não eram produzidos na região. O caminho mais utilizado era a estrada da Fazenda do Manso (hoje Parque do Itacolomi), devido as características sinuosas da região da Rancharia.

Na falta de autoridade instituída, a comunidade naturalmente escolhia um líder, alguém que se destacava por seus conhecimentos, sabedoria e capacidade de conciliação dos problemas. Tal prática é comum até os dias atuais, pois a comunidade detém de uma mesa administrativa e um líder e promove reuniões periódicas para discutir as principais demandas.

1.2 Lendas e “causos” que uma Lavras Novas de outrora.

Por ser um distrito dotado de grande religiosidade, os acontecimentos mais importantes da região eram as festas dos santos, especialmente a de Nossa Senhora dos Prazeres no dia 08 de setembro. Em janeiro, realiza-se a folia de reis e a marujada; na ‘Semana Santa’ eram praticados cultos da quinta e sexta-feira da paixão. Atualmente são ritualísticos e praticados todos os atos da Semana Santa, sendo os cultos realizados preferencialmente em latim. Inclusive as festas juninas, que sempre acabavam com um baile. À tardinha sentavam nas

portas das casas e, sob a luz dos lampiões, contavam estórias do passado local. Alguns desses ‘causos’ têm hoje o valor de lendas, sempre contadas pelos mais velhos, principalmente as mulheres. Segundo Lídia Oliveira, uma das ‘matriarcas’ do distrito com seus 93 anos: “ A lenda mais famosa se refere às aparições de Nossa Senhora dos Prazeres. Dizem que ela sempre apareceu para uns com um manto azul e uma veste branca; para outros toda de branco envolta em uma nuvem. ” Crianças e adultos já contemplaram a virgem, mas todos esperam que ela se manifeste e diga o que deseja da comunidade. Os mais velhos dizem que ela já aparecia para seus pais e avós. Após 1953, as aparições tornaram-se mais frequentes, por isso construíram uma pequena ermida para a santa. A gruta se localiza nas paragens onde ela faz aparições.

Outra lenda muito contada é a do Portão de Ouro. Segundo a tradição oral, existia um portão que indicava um caminho em direção a Ouro Preto, atravessando a serra com menos de trinta minutos. O portão desapareceu com uma grande tempestade que inundou parte do distrito. Depois disso, quando querem passar pela Serra, as pessoas que se dirigem ao local avistam um portão de ouro, mas todos aqueles que tentaram transpô-lo nunca mais voltaram. Quem se arrisca a atravessar o portão sempre encontra um bando de morcegos que empurra as pessoas para trás, impedindo-as de entrarem. As que insistem acabam desaparecendo.

O escritor ouro-pretano Bernardo Guimarães (1825-1884) publicou em 1871 o livro *Lendas e Romances*. A obra tem três contos, sendo um deles “A garganta do inferno”. O autor de *Escrava Isaura* (1875) narra uma lenda que tem o distrito como palco. Na frente da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres há um S marcado no chão. A letra, segundo a história contada por Guimarães, representa a palavra “segredo”. O mistério provém da história da jovem Lina, filha de Gertrudes, que sonhou com um príncipe encantado possuidor de uma imensidão de ouro. A contragosto da mãe, que imaginou ser o sonho uma tentação diabólica, a jovem Lina seguiu os passos oníricos e encontrou o jovem, filho do rico guarda-mor. Lina caiu de amores e passou a viver com o nobre, sem avisar à mãe, que agonizou na espera. O conto relata que a relação do casal desanda, e Lina volta para casa. Mas, arrependida do que fez, se joga em um buraco profundo, que ninguém sabia onde terminava: a Garganta do Inferno. A mãe acompanha a filha e também pula em direção ao desconhecido. Um padre vem de Mariana, exorciza o local e determina que a Garganta do Inferno fosse aterrada, e que em frente fosse erguido o templo de Nossa Senhora dos Prazeres. Coube ao primo de Lina, Daniel, apaixonado pela jovem, cobrir a laje. Nas palavras do escritor, “*lavrou toscamente a picão a letra S, e cobriu-a de terra. Cremos que quer dizer: segredo. Quem o descobrirá?* ”. (GUIMARÃES, Bernardo 1871, p.26). O S

existe realmente na porta da igreja e os moradores de Lavras Novas não arriscam, ninguém passa por ele sem antes fazer o sinal da cruz.

1.3 Festas tradicionais de um povoado tipicamente mineiro.

Na noite do dia 23 de junho, por volta das sete horas, todos os moradores do lugarejo acendem fogueiras nas portas das casas. É hora dos vizinhos se reunirem para relembrar histórias e colocar a prosa em dia. O fogo ajuda a espantar o frio. Tudo graças aos pedaços de gravatá, também conhecidos por ‘canela de ema’, que substituem a lenha e deixam as chamas mais fortes. Conta a tradição, que cada morador que se chamar João deve oferecer aos “conhecidos” alguma prenda. Logo que as fogueiras são acesas, o povo começa a “peregrinação”. Os amigos vão andando juntos, de casa em casa. A porta da sala está aberta. Na cozinha, os anfitriões esperam as visitas com um bom humor diferente, bem receptivo: *“Quem chega, fala alto bem na entrada: - Café de São João! E os donos da casa respondem: - Pode entrar que está quentinho!”*

Dona Efigênia Rocha é mãe de João Eduardo e prepara atualmente canjicas ao invés de café. Ela conta que, antigamente, preferia fazer um “café com biscoito” para dar aos amigos, mas que mudou o cardápio pois as crianças estavam levando saquinhos de papel para colocar biscoitos e levar na aula no dia seguinte. E a tradição da fogueira se repete em no dia de São Pedro e Santo Antônio, que é o primeiro que abre a tradição.

Na casa de João Camilo, as mulheres ficam lembrando as festas de décadas passadas. Dona Maria da Paixão diz que, em outros tempos, quando Lavras Novas não tinha energia elétrica, era tudo mais bonito. *“A gente ficava perto da fogueira esperando o namorado, que às vezes só aparecia quando o fogo já tinha apagado e só sobravam as cinzas, mesmo assim, depois de muita reza para São João”*.

A globalização foi particularmente sentida no local, com a instalação de uma siderúrgica multinacional, que introduziu profundas modificações na região com a construção de barragens e hidrelétricas, além da disseminação da monocultura de eucalipto, visando a geração de energia. A oferta de trabalho pouco qualificado para a população local teve uma exacerbada importância econômica, que também refletiu em mudanças socioculturais. Este exemplo pontual reflete as “influências multiescalares atuantes, onde o global e o local tornam-se

produtos do mesmo processo, uma vez que seus laços são estabelecidos com base no fluxo de conexões simultâneas e recíprocas” (SWYNGEDOUW, 1997, p.15).

Em Lavras Novas, as características socioculturais locais que haviam levado quase dois séculos para se consolidarem, pautadas em processos históricos e alguns ideais políticos, se veem alteradas de modo veloz em poucas décadas pelo processo de urbanização periférico de grandes centros urbanos e o estabelecimento de casas de segunda residência, alavancados pelo turismo, o vilarejo objeto de um processo recente de revalorização do seu espaço, por conter formas relictuais de organização humana em uma plástica paisagem serrana, se viu profundamente transformada pelo crescente interesse dos visitantes que passaram a frequentar o local:

“Os moradores de Lavras Novas, a primeiro momento, para alcançarem os investimentos necessários para o desenvolvimento local, buscaram ressaltar suas potencialidades e peculiaridades, muitas vezes com a ideia de criar uma nova ‘imagem’ a fim de atender as mais diversas demandas em turismo e aumentar a renda. Porém, enxergar no tratamento do patrimônio material e imaterial uma atividade meramente econômica pode gerar sérios problemas para as culturas populares subalternas. A produção cultural de uma comunidade, referenciada em suas necessidades diretas a partir da presença de um atravessador, por exemplo, ligado ao mercado externo, disposto a comprar seu produto, acaba direcionando a sua atividade de acordo com os interesses deste elemento externo, e não mais de acordo com as próprias demandas (CHAVES,2011,p.10-11).

Observa-se, tendo por base o contexto social de formação da comunidade, a existência de uma ‘hinterlândia’¹: um espaço para a expansão, incorporação aos fluxos econômicos ou a uma esfera de poder que ainda lhe escapa, em que “conhecer e divulgar um dado espaço desconhecido iniciaria o processo de sua transformação, seu fim enquanto sertão” (MORAES, 2003, p.14) De acordo com Van Cleef (1941)

“Há dois segmentos de hinterlândia, a contínua e a descontínua. A primeira é definida como a área próxima a um centro comercial, onde a economia e a cultura desenvolvem-se em função do centro primário. Já a segunda, evidencia que a economia de algumas áreas interage com um centro primário, sem necessariamente

¹ Hinterlândia (do alemão Hinterland) literalmente significa a 'terra de trás' (de uma cidade ou porto). Em alemão, a palavra também se refere à parte menos desenvolvida de um país - menos dotada de infraestrutura e menos densamente povoada, sendo também sinônimo de sertão ou interior. Ou seja, é uma região afastada de áreas urbanas, ou, simplesmente, dos centros metropolitanos ou culturais mais importantes.

ter interesse neste” VAN CLEEF (1941, p.46).

Sendo assim, considerando os esforços em prol da representação da memória local por meio da oralidade em seus princípios mais enraizados, a pluralidade na cultura lavras-novense é condição para o discurso de seus ‘frutos’ enquanto povoado. Nota-se, portanto, a valorização desta para além do caráter documental (da Carta de Sesmaria, por exemplo, um documento externo à comunidade).

Capítulo 2 -. Escrevendo a história por quem não sabe escrever.

“Chorar, fiar e esperar. Esse é o destino da mulher”.
(VERÍSSIMO,1971, p. 305).

2.1 Quem são as “doninhas”?

As matriarcas de Lavras Novas, carinhosamente chamadas de “doninhas” pela comunidade, poderiam também ter de cumprir esse destino. Depois de uma vida toda de trabalho braçal, na enxada, buscando água na bica, catando lenha no mato, construindo suas casas com as próprias mãos, cuidando dos filhos e maridos andando quilômetros a pé para trabalhar na lavoura de chá ou na plantação de eucalipto em troca de mantimentos, chegam ao ‘fim da vida’.

“Pensando em coisas que não se deve pensar” (Lídia Oliveira, 93 anos).

Amparadas pela fé e pela resiliência, em sua maioria analfabetas, chegaram até aqui. Aprenderam com as mães e avós os segredos da medicina das ervas, a enrolar saco de linhagem nos pés para poderem vencer o frio nas longas caminhadas, a contar causos, acreditar em fantasmas, a costurar seus colchões cheios de palha, a usar a água quente da serpentina ligada ao fogão de lenha para o banho. São essas mulheres que hoje, chegam aos 90 anos cheias de memórias sem ter a quem contar. O que fazer a não ser rezar? Assistiram à chegada da modernidade e já não se sentiam úteis ou adaptadas a algumas dessas tecnologias. Os filhos

casados, as filhas trabalhando para os forasteiros em suas pousadas. E as doninhas em casa, relegadas ao esquecimento, têm artrite, artrose, reumatismo, dores na coluna, restrições para caminhar...

Quando surge o projeto de artesanato das “doninhas”, nota-se uma nova perspectiva. Além do encontro com as amigas que já não ocorria devido à dificuldade de deslocamento, redescobrem suas possibilidades. Podem trocar lembranças de outros tempos, cantigas antigas, voltam a sorrir. Aprendem novos pontos, relembram os que haviam esquecido. Passam a levar o bordado para casa para ocupar as longas horas vazias.

Recuperam a alegria e são motivo de admiração pelo trabalho que estão desenvolvendo, conseguem alguma renda com a venda dos bordados e junto a isso, oportunidade de compartilharem as tantas histórias que ‘não sabem escrever’. Relatos de um tempo que tangia a escravidão, mas que hoje traz orgulho, renda, alegria e liberdade.

Na década de 1990, Lavras Novas foi descoberta por turistas que vieram em busca de sossego e do jeito mineiro do interior. Com as influências do turismo, surge a oportunidade de oferecerem (doninhas) o artesanato típico. Semanalmente, às terças-feiras, reúnem-se no espaço da casa paroquial: fazem tapetes, almofadas, crochê, ponto cruz, ponto russo, pompom de lã, entre outros. O termo “doninha” é um apelido que foi dado pela comunidade a todas as senhoras acima de sessenta anos que moram no distrito.

Figura 1 - Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Lavras Novas - MG



Foto: Rodrigo Coelho

O projeto começou há quatro anos, 2015, e era realizado por uma terapeuta ocupacional contratada pela prefeitura ligada à secretaria de saúde chamada Daniela Danubia. Silvana Machado Coelho veio a participar um tempo depois, a procura de senhoras bordadeiras para um outro projeto. A terapeuta saiu e Silvana se manteve como voluntária, dando continuidade ao trabalho até os dias atuais.

A produção de artesanato realizada com elas refletiu em melhora da coordenação motora a partir do resgate da autoestima e, em boa medida, auxiliou para que elas não caíssem em monotonia por ser uma forma de distração e valorização da vida. Ao formarmos o grupo e identificarmos suas habilidades, temos conseguido uma produção mais homogênea, através de temáticas que referenciam a cultura local. Trabalha-se em um universo estético que seja familiar a elas como retalhos, fuxicos, chitas, bordados, objetos relacionados a religião como terços, ‘sagrados corações’ e oratórios. O projeto foi premiado pelo ministério da Cultura, devido ao trabalho que é desenvolvido por elas com ajuda de voluntárias. O prêmio foi resultado de um edital federal chamado Culturas Populares: Edição Leandro Gomes de Barros. Os que eles denominaram ‘mestres’ preenchiam um formulário com diversas questões sobre o projeto que deverá ser contemplado e enviavam-nas junto de um vídeo mostrando o dia a dia do projeto gravado em pendrive para cada jurado como forma de avaliação. O vídeo foi feito sob a forma de ‘minidoc’, no qual são apresentadas entrevistas, além do dia a dia do projeto e algumas imagens de trabalhos realizados até o presente momento.

Figura 2 - Exemplo de trabalho realizado pelas "doninhas"

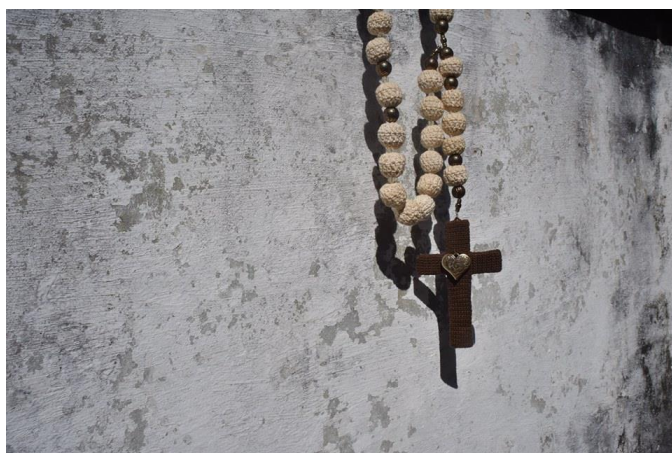


Foto: Rodrigo Coelho

Fomos o único projeto da região de distritos de Ouro Preto contemplado com prêmio, nos mais de cem inscritos do mesmo local e, além do prêmio, contamos com um sistema de “padrinho”, onde cada doador apadrinha uma das ‘doninhas’ e contribui mensalmente com o trabalho.

Figura 3 - Algumas "doninhas" exibem o tapete de casinhas



Foto: Rodrigo Coelho

2.2 A legislação do Patrimônio Imaterial

Neste subcapítulo abordaremos alguns conceitos básicos que serão amplamente utilizados durante todo o desenvolvimento do texto. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 1988): os ‘bens culturais de natureza imaterial dizem respeito a práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer. Tais como festas, teatro, artes plásticas, musicais ou lúdicas em suas respectivas regiões. Mas foi apenas na constituição de 1988 que se tomou conhecimento da diferença entre patrimônio material e imaterial, e assim traçando uma linha entre eles.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, sendo constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a

natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2006) define como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural." Esta definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

Para atender às determinações legais e criar instrumentos adequados ao reconhecimento e à preservação desses bens imateriais, o Iphan coordenou os estudos que resultaram na edição do Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 - que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) - e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR).

Em 2004, uma política de salvaguarda mais estruturada e sistemática começou a ser implementada pelo Iphan a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI). Em 2010 foi instituído pelo Decreto nº. 7.387, de 9 de dezembro de 2010 o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), utilizado para reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

2.3 A documentação fotográfica como metodologia de trabalho

A fotografia é uma forma de comunicação e preservação da memória enquanto registro da tradição do ‘que são as doninhas’ para as gerações futuras e para a comunidade. Uma forma de deixar sempre atual, mesmo quando elas já não estiverem mais presentes. Sempre utilizamos fotos e vídeos como forma de registro destas memórias e saberes para que eles não se percam. Atualmente as “doninhas” estão no processo para tornarem-se patrimônio imaterial, a partir da iniciativa pública por parte do departamento de patrimônio da secretaria de cultura de Ouro Preto, que fez uma entrevista com a professora Silvana Machado Coelho e coletou todos os dados dela e das “doninhas” para que em junho a proposta passe pelas entidades responsáveis. A secretaria está coletando dados de todas as bordadeiras dos treze distritos de Ouro Preto com

o intuito de registrar a todas como patrimônio, e ficaram sabendo sobre as “doninhas” através do prêmio recebido e por elas já terem recebido algumas doações de materiais vindo da própria Secretaria de Cultura anteriormente. Elas possuem o apoio do prefeito atual e de sua família, que por sua vez estiveram no distrito de Lavras Novas para conhecerem o trabalho.

Figura 4 - Silvana Machado Coelho, professora das "doninhas"



Foto: Rodrigo Coelho

Figura 5 - Dona Lídia com o prefeito atual, Júio Pimenta



Foto: Ane Souza

O autor Maschio (apud Coqueiro, Vieira e Freitas, 2010) afirmam que a arteterapia é uma ferramenta fundamental na recuperação de memórias esquecidas, melhora a coordenação motora e o pensamento lógico. Ameniza os efeitos negativos da saúde mental e promove o bem-estar no campo afetivo, interpessoal, relacional, de equilíbrio emocional e das angústias. Nota-se, portanto, a importância da recuperação de memórias esquecidas e o impacto que esse projeto tem na vida das “doninhas” e das voluntárias envolvidas, afim-de registrar os trabalhos e constatar que a aula de artesanato resgata o convívio social proporcionando a troca de lembranças, memórias e alegrias, reafirmando o sentimento de pertencimento.

No presente trabalho, foram abordadas tais questões tomando como exemplo as “doninhas” e suas respectivas memórias através de entrevistas, semiestruturadas por meio de perguntas-chave, nas quais deambulará o levantamento de informações para o estudo de caso, com base no material registrado em gravação. Pode-se notar o caráter informativo da memória enquanto referência de suas vivências pela oralidade, destacando-se para tal, a importância da legitimação das crenças do povo ‘lavras-novense’, denotando respeito à seus valores e construindo uma documentação permeada pelo diálogo, constante replicador das múltiplas maneiras de ‘saber fazer’ e das perspectivas e vivências anteriores e atuais.

“A história oral é, inevitavelmente, uma zona de fronteira, não tanto entre disciplinas, mas entre a própria academia e o mundo real, entre a memória legítima, cientificamente produzida [...] e as memórias individuais, no que tem de pessoal e de coletivo. Se há, como muitos defendem, um confronto entre essas memórias, a história oral se localiza em pleno front” (GUARINELLO, 1998, p. 63)

2.4 Tradição

A partir da definição de patrimônio histórico imaterial, têm se por necessidade, definir também conceitos como tradição, memória, documento e linguagem seja ela escrita ou verbal. De acordo com o dicionário Houaiss (2009) tradição é uma palavra com origem no termo em latim *traditio*, que significa "entregar" ou "passar adiante", é transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura.

Para que algo se estabeleça como tradição, é necessário bastante tempo, para que o hábito seja criado. Diferentes culturas e mesmo diferentes famílias possuem tradições distintas. Algumas celebrações e festas (religiosas ou não) fazem parte da tradição de uma sociedade. Muitas vezes certos indivíduos seguem uma determinada tradição sem sequer pensar no verdadeiro significado da mesma.

No âmbito da etnografia, a tradição revela um conjunto de costumes, crenças, práticas, doutrinas, leis e estes são transmitidos de geração em geração, dando continuidade à cultura ou ao saber em questão.

O Houaiss (2009) ainda define que o termo "verbal" tem origem no latim "verbale", proveniente de "verbu", que quer dizer palavra. Linguagem verbal é, portanto, aquela que utiliza palavras. A linguagem verbal se divide em duas: a escrita e a oral. Linguagem oral é a que se usa quando o interlocutor está em nossa frente e temos ligação direta com ele. Já a escrita, é aquela que usamos quando o interlocutor está ausente e precisamos registrar para outras pessoas que está sendo dito. Neste texto iremos abordar preferencialmente a linguagem oral.

2.5 Memória enquanto linguagem documental

Analisando semanticamente as palavras monumento e documento, Le Goff (1996) afirma:

Monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, como escritos e uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura. O monumento seria um legado à memória coletiva e está ligado ao poder de perpetuação das sociedades históricas, sendo esta voluntária ou involuntária. O documento está ligado à noção de prova e no final do século XIX e início do século XX, ganhará com a escola histórica positivista o papel de fundamento do fato histórico e que ainda que resulte da escolha/ decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica (LE GOFF, 1996, p.1- 2).

O documento prova era o documento escrito. Com a revolução documental empreendida no século XX que não modificou a concepção de documento, mas a ampliou e a enriqueceu, Le Goff (1996) discorre sobre a necessidade em romper-se com a limitação da definição de documento como aquilo que é escrito. Já Souza (2010) acredita que entre os vários usos e funções da imagem fotográfica, um dos mais facilmente reconhecíveis é o da sua associação com a memória. Tanto no nível pessoal quanto no social, é inegável a capacidade da imagem fotográfica de provocar recordações. Em seu artigo Souza (2010) cita o famoso escritor francês Marcel Proust (1871-1922) que nos fornece uma possível resposta a indagação que fotografia e memória andam juntas. A obstinação de Proust em investigar os mecanismos da capacidade humana de lembrar eventos passados resultou em uma literatura em que geralmente a obra de arte é um dos mecanismos desencadeadores, por excelência, da memória. SOUSA (2010, p.02)

E o que seria memória? De acordo com Pollak (1992) tanto para a memória individual quanto para a coletiva é preciso, primeiramente, dos acontecimentos vividos pessoalmente, depois os acontecimentos que ele chama de “vividos por tabela”, ou seja, os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade pela qual a pessoa convive. Nem sempre a pessoa estava presente nesse tipo de memória, mas o imaginário dela cria situações com que fique difícil de acreditar se ela viveu ou não aquela memória. E por fim o autor cita que as memórias são criadas por pessoas ou personagens. As “doninhas” são memórias vivas, que possuem lembranças e recordações que podem ir embora junto delas quando a morte chegar, e por conta disso que decidimos trabalhar com elas neste projeto. Para que se tenha pelo menos algum registro escrito dos saberes e de suas experiências. São, provavelmente, a última geração não corrompida pela

chegada das modernidades. Aproveitar-se à das aulas de bordado enquanto pano de fundo para a ressignificação de suas memórias, perante elas próprias e a comunidade.

2.6 O Bordado

Temos de definir e entender a origem do trabalho manual caracterizado como bordado, Kamenszain (2000) presume que o bordado seja uma das artes aplicadas mais antigas, que deve ter surgido logo após a descoberta da agulha. O bordado é uma tradição milenar, e sua arte manual é uma das técnicas mais delicadas desenvolvidas no Brasil e no mundo. As mãos ágeis de nossos artistas ganham forma expressando sentimentos e contando histórias de vida e do cotidiano. Ele é um grande instrumento de sensibilização da alma humana, puxa as emoções mais internas e as transforma em arte. O bordado resiste ao tempo e mesmo com os avanços tecnológicos não perde sua essência, mantendo-se fiel a estilos e técnicas que passam de geração a geração.

O Grupo Matizes Dumont (1940), grupo de bordadeiras de Pirapora- MG, conhecido por seus trabalhos, com exposições pelo Brasil inteiro, acredita que atualmente o bordado contemporâneo estampa todo tipo de vestuário e é usado também na criação de obras de arte de vários artistas. O bordado nunca sai de moda, sempre é visto seja na alta costura ou na moda de rua. O bordado é um pouco como a vida, tem idas e vindas, é construído ponto a ponto, com paciência e resiliência e se algum ponto sai errado, é preciso desmanchar e refazer.

2.7 A Terceira Idade

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a terceira idade é a fase da vida que começa aos 60 anos nos países em desenvolvimento e aos 65 anos nos países desenvolvidos. A terceira idade caracteriza-se por mudanças físicas em todo o organismo do indivíduo, alterando suas funções e comportamentos, percepções, sentimentos, pensamentos, ações e reações. Há também alterações dos papéis sociais que resultam das mudanças biopsicológicas relacionadas ao avanço da idade. O termo "Terceira Idade" foi criado pelo gerontologista francês Huet, cujo início cronológico coincide com a aposentadoria (entre 60 e 65 anos). Diversas terminologias têm sido utilizadas para designar a terceira idade, embora, para a maioria dos estudiosos, essa diversidade de expressões sejam eufemismos. O envelhecimento ocorre em diferentes dimensões (biológica, social, psicológica, econômica, jurídica, política) e depende de diversos fatores ocorridos nas fases anteriores da vida, como as

experiências vividas na família, na escola ou em outras instituições. Assim, a terceira idade não comporta um único conceito, uma vez que a idade cronológica pode não ser idêntica à idade biológica e social do indivíduo. O envelhecimento que já é um processo complexo quando vem acompanhado pelo abandono fica mais difícil, podendo causar depressão, baixa autoestima e problemas de saúde em geral.

Figura 6 - Exemplo de cumplicidade entre as "doninhas"



Foto: Rodrigo Coelho

Capítulo 3: Uma liberdade ainda que tardia.

3.1 Lavras Antigas, Lavras Novas um paralelo entre o passado e o presente da comunidade.

‘Eu queria ser balaio, balaio eu queria ser. Para viver dependurada nas cadeiras de você...’
(Efigênia, 75 anos)

Essa é uma das cantigas recuperadas pela lembrança das doninhas.

Durante muito tempo, a principal fonte de renda de Lavras Novas foi o artesanato feito com taquara. As mulheres iam para o mato colher a taquara para os homens confeccionarem os

balaios e esteiras. Ir para o mato buscar lenha era a atividade praticada pelas mulheres. Iam acompanhadas das amigas e dos cachorros. Vestiam calças com saias por cima, várias blusas e seus gorros de lã. Aproveitavam da oportunidade do encontro para compartilharem de experiências e vivências, queixas e sonhos. Colhiam também ervas medicinais e algumas frutas e raízes comestíveis. Com a idade e problemas de locomoção, já não podiam mais exercer essa atividade. Foram ficando isoladas, sem poder encontrar as amigas, sem ter com quem conversar. Os jovens, com a chegada do turismo e conseqüentemente do dinheiro, passaram a ter novos interesses. Agora é possível ter acesso a bens de consumo que antes não estavam ao seu alcance. Conquistam celulares, motos, carros, roupas da moda. Se encantam com as possibilidades das conquistas materiais e se afastam das tradições que para eles trazem a lembrança de tempos de privações de seus pais e avós. A maior queixa das doninhas é a falta de interesse dos mais novos pelas atividades que antes eram passadas de pais para filhos. As doninhas aceitam timidamente as mudanças por entenderem que esse processo trouxe mais conforto para suas famílias. Elas também se beneficiam de algumas comodidades, como por exemplo, a televisão.

É interessante notar que fazem uso parcimonioso do aparelho de televisão. Assistem apenas programas religiosos. Não usam a televisão como meio de entretenimento. Segundo a doninha Efigênia de Carvalho:

“Só se assiste missa e TV Aparecida. Não vê novelas porque é tudo mentira. Antes de ganhar sua própria televisão pegava os filhos e ia para casa dos pais assistir à missa das 9h. só depois voltava para casa para os afazeres domésticos. No tempo delas só havia um telefone na comunidade na casa de seu Pedro Rabicó. A energia era monofásica e chamada por elas de vagalume ou tomate. Quando a lâmpada apagava três vezes, era sinal de que o telefone estava tocando na casa de Pedro Rabicó. Todos corriam para lá porque era notícia de que alguém que estava internado tinha morrido” (CARVALHO, Efigênia, 77 anos)

Dalva dos Reis nos conta que “certa vez estava internada na Santa Casa de Ouro Preto para ganhar neném, quando a enfermeira falou que a irmã queria falar com ela ao telefone. Dalva não sabia que tinha de colocar o aparelho no ouvido”, Lídia Oliveira aprendeu com o pai a fazer a “encomendação das almas” e até hoje faz o cortejo cantando. Todos mantinham as janelas fechadas para que uma das almas que acompanhava o cortejo não entrasse na casa deles. Segundo ela, as almas acompanham o cortejo fúnebre vestidas de branco.

“Está dormindo, acorda, rezamos um Pai Nosso, Ave Maria. ” (Lídia Oliveira 93 anos)

Lídia Oliveira conta que:

“Existe um caso curioso a respeito de um morador do lugar. Fábio, marido de Vera, cunhado da doninha Prosperina Lessa, um dia amanheceu morto. Durante o velório, como reza a tradição, estavam bebendo o morto e comendo tira gosto porque velório que se preza tem que ter cachaça e comida. O enterro estava marcado para o meio dia. De repente, o morto levanta do caixão. Saiu todo mundo pulando a janela, correndo pela porta, não ficou um. E o morto, sem entender nada do que estava acontecendo, estava vivo. Durante muitos anos, quando ele vinha na calçada, as pessoas atravessavam a rua com medo de encontrar o defunto”(OLIVEIRA ,Lídia, 93 anos)

Fábio continua vivo até hoje, vinte anos depois de sua suposta morte.

3.2 A fé inabalável da comunidade e suas festas religiosas.

A fé tem sido tem sido o grande pilar da vida das doninhas. Frequentam a igreja e rezas nas casas da comunidade. A imagem de Nossa Senhora visita as casas e a preferência é pela casa dos doentes. Acreditam piamente em Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira de Lavras Novas, como protetora de todos. Dizem que no ano de 1953 houveram muitas aparições para vários moradores. A primeira a aparição de Nossa Senhora dos Prazeres que se tem notícia acontece em Portugal no século XVI em Açores. Como a igreja de Lavras Novas foi idealizada no contexto dos portugueses, provavelmente essa consagração se dá por influência deles. A sua festa é celebrada em agosto quando acontece procissão e quermesse. A festa atrai turistas e curiosos, mas o caráter sagrado permanece nos corações dos fiéis, como observado nas cantigas tradicionais, como:

“Nossa senhora, mãe de Jesus, está pesada, a minha cruz.

Eu te peço oh bom Jesus, força e coragem, oh bom Jesus! ”

A folia de reis também acontece no dia 6 de janeiro. Uma procissão de fiéis carrega a imagem do menino Jesus cantando e tocando instrumentos musicais visitando as casas. Cada anfitrião contribui com algum dinheiro colocado aos pés da imagem e oferece um lanche aos participantes da procissão. É o menino Jesus trazendo proteção àquela casa. Comemoram a Semana Santa com procissões e interpretação da via crucis. Muitos não comem carne durante a quaresma, fazem jejum e pagam promessas. Alguns dos frequentadores habituais do ‘bar do Claudinho’, passam toda a quaresma sem beber. Nota-se aí a influência das mães e avós. Durante muito tempo parecia que o tempo tinha parado por aqui. De repente as coisas mudaram. Quem não tinha sapato agora vê os netos com tênis de marca. Enquanto sonhavam com o casamento, trabalhavam na plantação de chá do Manso ou na plantação de eucalipto. Ganhavam para os mantimentos e assim mesmo faltava. As moças começavam a trabalhar aos 12 anos. Acordavam as 3:30h e iam a pé para pegar o serviço as 7h. Efigênia Carvalho trabalhou para uma senhora das 7 às 16h por 5 reais a diária.

Vendia a lenha que buscava no mato. Cortavam empilhavam e esperavam secar para carregar. Cada uma tinha um corte que era sua marca. Isso determinava de quem era o feixe. Até hoje não pegam lenha que não tenha sido cortada por elas. Sabem que tem dono e a lenha fica no mato esperando por quem cortou. Certa vez, uma delas deu um corte profundo na mão com taquara. Quando estava indo para casa sangrando disse que *“viu uma cascavel de treze anos. Ela mandou a cascavel se afastar porque estava machucada. Pelo visto, a cobra obedeceu”*. Perguntei como ela sabia a idade da cobra e ela contou que é pelo número de anéis do rabo. Precisou ir a pé à Ouro Preto para dar pontos na mão. Atribui a Nossa Senhora dos Prazeres o milagre de conseguir mexer os dedos até hoje. Se você pedir a ela para contar até dez ela não sabe, mas para contar os anéis do rabo da cobra ela sabe. A maioria dos partos eram feitas pela parteira Rita. Elas gostavam de buscar lenha no dia do parto para ajudar com as dores. Segundo Efigênia Carvalho, no dia em que nasceu seu filho Luciano, ela buscou cinco feixes de lenha, entoando a tradição da cantiga popular:

“Será que eu sou feia?”

Não é não senhora

Então eu sou linda?

Você é um amor!

Então me diz por que razão

Eu vivo só sem ter um bem

É porque tens o destino da lua

Que a todos encanta

E não é de ninguém”

3.3 O casamento como pretexto de uma vida melhor.

Devido a vida do trabalho na roça, todas sonhavam com o casamento. Era uma forma de se verem livres da enxada, de terem suas próprias casas. A maioria dos maridos trabalhava nas dependências da ALCAN (Alumínio do Brasil Ltda.), atual Novelis em Ouro Preto, que elas chamam de companhia. Ganhavam um salário mínimo o que era considerado suficiente para formar família. Com a chegada dos filhos esse salário não era suficiente. Mal dava para os mantimentos. Elas então faziam de tudo para completar a renda. Vendiam lenha, ovos, porcos e verduras de suas hortas. Algumas vezes trabalhavam em alguma casa de família. Como os maridos passavam o dia todo fora, cabia a elas fazer os tijolos para construir suas casas. Amassavam o barro com os pés, misturavam palha e deixavam secar no sol em formas. As casas eram pequenas de três ou quatro cômodos e iam sendo aumentadas com o tempo e as condições. Não havia dinheiro pra roupas, sapatos e colchões. Amarravam saco de linhagem nos pés para protegê-los do frio. Costuravam as próprias roupas à mão e faziam seus colchões de palha. Todas tiveram muitos filhos e netos. Algumas tem bisnetos.

Muitos casamentos eram consanguíneos o que gerou alguns filhos com variados problemas de saúde. O que hoje chamamos de inclusão já vem sendo praticado naturalmente por elas há anos. Não é incomum assistir ao reisado onde a princesa é portadora de síndrome de down e o príncipe paralisia cerebral. Conhecem o segredo dos chás medicinais e quando alguém quebra um osso tem que tomar ovo caipira com um pó chamado breu. Dizem que cola mais rápido o nosso. Romã cura dor de garganta, chá de folha de algodão cura inflamação, chá de folha de goiabeira cura diarreia, chá de marcela colhida na sexta-feira santa é calmante.

Algumas são benzedadeiras. Curam até picada de cobra com suas rezas. Existem também algumas pessoas com deficiência mental na comunidade. Todos cuidam deles, levam comida, limpam a casa. Quando saem nus pela cidade, correm a cobri-los e levá-los para casa.

-Liga não, ele é doido coitado...

Em qualquer casa você vai encontrar o fogão a lenha aceso e um bule de café.

-Entra para dentro, vem tomar um café.

A resignação é um traço marcante. Todo desemprego, doença, morte é vista como vontade de Deus. Para os forasteiros contam suas lendas com um pouco de reserva. Parecem ter receio de serem chamadas de supersticiosas. Guardam esses causos para os seus. Aos poucos com a ajuda de alguns padrinhos e do dinheiro ganho com o prêmio do Edital Culturas Populares - Edição Leandro Gomes de Barros, algumas medidas puderam ser tomadas para melhorar a qualidade do trabalho. As doninhas puderam ir ao oftalmologista, e ganhar óculos. Isso melhorou muito a qualidade do trabalho desenvolvido. Além disso, as peças são colocadas à venda no armazém local e sempre que alguma delas é vendida o dinheiro é dividido entre elas. Mas muito mais importante que o bordado como forma de expressão dos signos familiares a elas, a oportunidade de encontrar as amigas, cantarem, lembrarem os tempos antigos traz para elas o resgate da alegria. Resgatam suas identidades e ganham reconhecimento perante a família e a comunidade. Levam bordados para fazerem em casa, o que ocupa as horas vazias. Competem pelo ‘trabalho mais bem feito’ e ao mesmo tempo são solidárias com as que tem mais dificuldade. Atualmente, além das doninhas de mais idade, existem três alunas mais novas que entraram para o projeto por admirarem o trabalho de suas antecessoras. Assim, ponto a ponto, as histórias se entrelaçam mais uma vez e elas ganham a liberdade ainda que tardia. Sempre que perguntadas se preferem antes ou agora respondem da mesma forma: *“Hoje não falta nada, mas antes era melhor, havia amor”*.

3.4 Lavras Novas como um “não lugar”

Pode-se notar, no constante esforço das “doninhas” a intenção em legitimarem a cultura local, a julgar pelos conceitos de cultura popular concentrados na existência de um ‘saber fazer’ o qual abarcava diversas nuances da memória tanto da comunidade em si, quanto do contexto histórico na qual ela se envolviam durante o repasse de seus conhecimentos através da ‘memória

oral'. De acordo com Chartier, *são nos modos de usar, como práticas sociais, que se deve encontrar o “popular”* (CHARTIER, 1995 p.185). Em tese, a legitimação destas práticas, inicialmente problematiza a falta de interesse de seus descendentes pelas mesmas, claramente apontada pela consolidação de práticas como o turismo ‘exploratório’ na região, o qual por um lado pode ser concebido enquanto um novo padrão de vida local, como proposto pelos estudos da geografia de teor ‘social’:

Não vamos pensar o turismo como um fenômeno isolado. Vamos concebê-lo não como atividade econômica, mas como plenitude da existência humana. Vamos encontrar uma forma mais generosa de fazer turismo, que inclua a humanidade. Vamos esquecer a balança de pagamento e nos lembrarmos do processo civilizatório, porque o turismo pode contribuir para uma civilização mais humana. Turismo é política das empresas. É uma atividade criadora de riqueza e de emprego, mas, sobretudo de visão do mundo. (CORIOLANO, 2003, p. 122-123),

E por outro, o silenciamento de uma cultura, a partir de processos de afastamento e negação por parte da geração atual, num espaço que se caracteriza pelos conflitos e anseia por reconhecimento através de sua historicidade, abarcado pelo receio de que a comunidade se torne inata no tempo: *“O espaço, quando apropriado pela atividade turística, é “turistificado”, sendo alvo da interferência de políticas públicas e privadas* (CORIOLANO; SILVA, 2005, p. 119). As contradições resultantes da forma seletiva de reprodução do turismo sobre o lugar implicam em consequências mais patentes do que nas demais atividades econômicas, como apontam também, Coriolano e Silva (2005, p. 90), já que, *“em sua origem o turismo surge elitista”,* sendo, então uma atividade produtora do que Cruz (2007, p. 26) chama de *“pseudo-lugar”,* ou seja, formas sem historicidade, carregadas de artificialidades e a serviço do turismo ou do lazer. Espaços de transição claramente definidos pela assertiva proposta por Marc Augé através do conceito de *‘não lugar’*.

“Se o lugar antropológico representa um tempo passado e o não lugar um provável futuro, pensar a relação entre os dois é de certo modo pensar uma realidade que se joga entre o que fomos/somos e aquilo em que poderemos nos tornar, ou melhor, aquilo em que estamos nos tornando” (SÁ, Tereza, 2014, p.3).

Marc Augé, ao analisar a relação entre lugar antropológico e não lugar na sociedade contemporânea, transporta para o espaço a questão da alteridade:

“Se a tradição antropológica ligou a questão da alteridade (ou da identidade) à do espaço, é porque os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e se organizarem a si mesmos” (Augé, 1994, p. 158)

Neste caso, se faz importante realçar o trabalho das “doninhas” enquanto a tentativa de preencherem um espaço nos processos históricos que envolvem o ambiente atual, assim como registrarem os saberes e práticas locais de suas respectivas épocas, afim de retomarem a valorização da memória e compreenderem a consolidação presente nestes espaços.

“Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade” (PEDROSO, 1999, p.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Valeu a pena subir essas colinas

Daqui de cima as montanhas são azuis

Beber da água tão pura lá da fonte

Descobrir as estrelas desse céu

Fogão de lenha, pinga boa,

Sanfona, lua, viola

Sossego parou por aqui.

Lavras Novas, aldeia

Lavras Novas incendeia,

O coração, o coração, coração, o coração”

Trecho do hino de Lavras Novas (1978)

De acordo com os resultados obtidos através das entrevistas realizadas e das análises já feitas durante o trabalho é possível compreender o alcance de certos mecanismos como o turismo, a tecnologia, e os bens de consumo na vida que antes demandava maiores esforços e agora é ‘confortável’ e de que forma isso influenciou o futuro da identidade sócio-cultural do distrito de Lavras Novas, principalmente das “doninhas”, objeto de pesquisa deste trabalho. Qual a importância do passado para o futuro? Sem bússola, como poderemos prosseguir? A Lavras Novas que encanta a tantos forasteiros foi feita pelas pessoas que hoje estão sem voz. As histórias, as lendas, as festas, as rezas, as tradições, o artesanato, as casinhas, em tudo o que hoje está sendo ‘vendido’, não têm preço. A modernidade e suas influências estão a ‘comer a galinha dos ovos de ouro’, enquanto vendem o que é intangível e silenciam o que há de extrema importância. É necessidade fundamental à memória do distrito o registro dos tempos que estão ‘morrendo’. As” doninhas”, com todo seu repertório

são a ‘última geração fiel às tradições’. Através das músicas, das rezas, dos bordados, dos ‘causos’ e principalmente da consolidação de suas memórias pessoais, estaremos contribuindo para garantir a sobrevivência daquilo que permite às novas gerações prosseguirem. Considera-se para tal, a existência deste trabalho. Trata-se de um documento escrito que poderá ser consultado enquanto fonte de informação à preservação dessas tradições e pessoas que mesmo quando não estiverem mais presentes em solos terrenos, estarão vivas no coração das pessoas e neste trabalho. Segundo Ana Vilela em sua música ‘Trem Bala’, (2016)

“A vida é trem bala parceiro, e a gente é só passageiro prestes a partir. [...] não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar. E sim sobre cada momento sorriso a se compartilhar. Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais. Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás.[...](VILELA, Ana. 2016)”

“A bromélia abre ali sua mandala vermelha. Tem mais histórias para me contar que o Arco do Triunfo. Lá em cima da estrada, ao lado do barraco, dona Rosa pendura ao sol a roupa dos filhos. Ela vale mais que presidentes e ministros e senadores e juízes do Brasil. A bromélia e dona Rosa são reais. São a vida, não como a “realidade” gostaria que fossem. Secretamente, contra todas as probabilidades, a bromélia e dona Rosa irradiam a luz tênue que tanto ignorei antes de ser jogado aqui, agora, unindo meus pedaços ao mundo. “ (PAMPLONA, Marcos 2019)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. 1994, *Le sens des autres. Actualité de l'anthropologie*. Paris, Fayard

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CHARTIER, Roger. “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico” In *Revista Estudos Históricos* v.8 n.16. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CHAVES, Fabiana Nogueira *As festas populares e o contexto midiático: Lavras Novas e o futuro de sua identidade cultural / Fabiana Nogueira Chaves – São Paulo: F. N. Chaves, 2011.*

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. *Turismo e Geografia: abordagens críticas*. Fortaleza: UECE, 2005. 174 p.

CRUZ, R. C. A. (2007). *Geografias do turismo. De lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Roca.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Breve arqueologia da história oral*. *História Oral*, v. 1, 1998, p. 61-65. Disponível em:
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/ricaucs/article/download/4983/3082>.

GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e Romances*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 288 p

HOUAISS, Antônio. *Houaiss dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009. 1986 p.

KAMENSZAIN, Tamara. “Bordado y costura del texto”. *Histórias de amor (y otros ensayos sobre poesía)*. Buenos Aires: Paidós, 2000. pp. 207-211.

LE GOFF, Jacques, 1924 *História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.*

MASCHIO, Adriana. *O benefício da Arte na Terceira Idade*. 2012.. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura - Educação Artística) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2012. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/11449/119878>>.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. 20. ed., São Paulo: Annablume, 2005.

NORA, Pierre. *Entre mémoire et histoire: la problematique dès lieux*. In *Lês lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984;

PAMPLONA, Marcos, 2019, <. Disponível em:
<https://www.facebook.com/marcos.pamplona.5> >. Acessado em junho de 2019.

PEDROSO, S. F. A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989. _____. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

SÁ, T. Lugares e não lugares em Marc Augé. Tempo Social, revista de sociologia da USP, V. 26, N. 2, 2014, PP. 209-229. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/97978/96778>

SILVA, K. DE O.; PONTES DA FONSECA, M. A. A geografia e a dimensão espacial do turismo: Um ensaio exploratório. Revista Publica, v. 6, n. 1, 23 dez. 2010.

SOUSA, Fábio d’Abadia de, Fotografia e memória em Marcel Proust, Universidade Federal do Tocantins, 2010.

SWYNGEDOUW, E. (1992). “The mammon quest: ‘glocalization’, interspatial competition and the monetar y order – the construction of new scales”. In: DUNFORD.

VILELA, Ana. Trem Bala, Som Livre, 2016 <. Disponível em:
<https://www.vagalume.com.br/ana-vilela/trem-bala.html>. >. Acessado em junho de 2019.

Sites acessados:

Site de Lavras Novas

< Disponível em: <http://www.lavrasnovas.com.br>>. Acessado em abril de 2019

Site Matizes Dumont

< Disponível em: <https://www.matizesdumont.com/>>. Acessado em maio de 2019.

Site Portal Terceira Idade

<Disponível em: <http://www.portalterceiraidade.com.br/>> Acessado em maio de 2019.

APÊNDICE

Este formulário foi elaborado com intuito de colher mais informações da vida das “doninhas” e sua visão de mundo sobre diversos assuntos. As perguntas foram criadas a partir dos temas já abordados neste trabalho como tradição, memória, as aulas de bordado e a vida delas na comunidade e como elas veem a situação atual, e o que elas têm para dizer para os jovens de hoje. Qual é a relação delas com a chegada do turismo e o que isso impactou na vida delas e na família.

Modelo das perguntas que foram feitas na entrevista semiestruturada com as “doninhas”

Nome:

Idade:

1. Como era a sua vida em Lavras Novas na sua infância e juventude?
2. Em que momento da sua história em Lavras Novas as coisas começaram a mudar?
3. O que o turismo trouxe para Lavras Novas? Ele influencia sua vida e da sua família?
4. Como você fazia para garantir o sustento da família?
5. Como você vê as aulas de bordado? É uma distração ou você visa o lucro com o seu trabalho?
6. Antes da aula você tinha alguma noção de bordado?
7. Com a chegada da tecnologia e dos meios de comunicação o que isso impactou na sua vida? Você utiliza todos os meios? Televisão, celular etc.
8. Os jovens de hoje estão interessados na sabedoria e na tradição que vocês possuem? Como por exemplo pelas lendas, causos e etc.
9. A vida era melhor antes da chegada do turismo ou depois?
10. Qual a importância do passado para o futuro?

